

A discreta presença dos Galegos em Aveiro

The discreet presence of the Galicians in Aveiro

Manuel Ferreira Rodrigues

CIDTFF, Universidade de Aveiro
mfr@ua.pt

Palavras-chave: Migrações, Galegos, comércio ambulante, integração social, Aveiro.
Keywords: Migrations, Galicians, Street vending, social integration, Aveiro.

A imigração sazonal galega, ou “emigración de mobilidade de ciclo curto” (Leira, 2007, p. 11), detetada no norte de Portugal desde a Reconquista, mas de uma forma regular a partir do século XVIII, não teve em Aveiro igual expressão. Os esparsos testemunhos disponíveis, desde os séculos XVI-XVII, apenas permitem entrever a dimensão da presença dos Galegos e da Galiza na vida e no imaginário da população de Aveiro. Mesmo assim, os poucos dados reunidos – topónimos, antropónimos, assentos paroquiais e registos de “passaportes internos” – mostram que a presença dos Galegos neste concelho, embora discreta, constitui uma constante histórica incontornável. Na verdade, “as referências a galegos surgem um pouco por toda a parte, mas de forma discreta” (Alves, 2002).

Em Oliveirinha conta-se uma *Quinta do Galego* e três propriedades de nome *Galega*. Com esta denominação há duas outras, em Eixo. Em Esgueira contam-se três topónimos idênticos: o *Cabeço do Galego*, a *Mata Galega* e a *Quinta do Galego*; na freguesia da Vera Cruz, o *Cabeço da Galiza* (Rodrigues & Barreira, 1994).

Inês Amorim (1996, p. 777) inventariou seis baptizados, na freguesia de S. Miguel, entre 1730 e 1896, e dois casamentos, em 1775 e 1804, bem como um contrato notarial, em que é outorgante Dom Fradique de Almeida e Castro, natural da Corunha e residente em Aveiro. Em 1832, Paulo Bieito, de Santiago da Galiza, casa com Teresa de Oliveira dos Reis, de Requeixo (ADAVR, 1832, liv. 17, fl. 106). Em 14 de junho de 1834, a Câmara Municipal de Aveiro nomeia doze “Medidores de Sal” da cidade. Entre eles conta-se Manuel Ferreira da Quinta, o *Galego* (Câmara Municipal de Aveiro, 1834, fl. 37 v.). Em 1853, morava em Verdemilho, freguesia de Aradas, um Luís Ferreira *Galego* (Câmara Municipal de Aveiro, 1859, fl. 2 v.). E em Vilar, freguesia de S. Bernardo, há referência a um lavrador, Manuel Ferreira *Galego* (Fortuna, 1853, fl. 30 v.).

Note-se que *Galego* é o apelido de uma velha família judia (Tavares, 1997, p. 11). E ficaram por contar outros apelidos, alegadamente de origem galega, mais

ou menos frequentes na região: Andrade, Araújo, Mexia, Osório, Parada, Pita, Salgado, Seixas, Soutelo, Taborada, etc. (Felgueiras, 1980, p. 35). Mas certamente outros com apelidos bem portugueses. Em novembro de 1866, Manuel da Costa, um galego de Pontevedra, residente na freguesia de Requeixo, toma de empreitada a abertura da caixa, nivelamento, empedramento, cilindramento e regularização do ensaibramento do lance de estrada de Salgueiro a Mamodeiro (Câmara Municipal de Aveiro, 1866). Já no início do séc. XX, Manuel Álvares Vidal, cidadão espanhol e “gerente de hotel”, integra uma sociedade para a exploração do Hotel Cisne Boa Vista. O espanhol fora “nomeado administrador e gerente desta sociedade”, mas um incidente acabaria por levar ao seu afastamento, tendo os outros dois sócios nomeado José Fernandes do Lago, um galego de Pontevedra, para a gerência do hotel (A. D. Pinheiro e Silva, 1901, fls. 37-38 v.).

A pesca e o negócio do sal atraíram, desde muito cedo, vários Galegos à região de Aveiro. Nas cortes de Lisboa, de 1459, alude-se ao comércio que os de Aveiro faziam com a Galiza, “fretando navios por procuração” (Silva, 1991, p. 124; Amorim, 1996). Em meados do século XVI, a Galiza era destino de alguns dos cerca de setenta navios existentes em Aveiro (Barreira, 1993, p. 113). Em 1627, Filipe III “arrendou todo o comércio do sal de Aveiro para a Galiza e Astúrias ao comerciante espanhol Martim Bolivar” (Barreira, 1993, p. 113). Do século XVII, há ainda notícia de vários galegos, certamente envolvidos no negócio do sal. Nos séculos XVIII e XIX, continuaria a exportação de sal (e louça) para a Galiza, embora com um peso menos significativo. Até 1703, o sal vai essencialmente para a Galiza (Amorim, 1996, pp. 360-388, 576-577 e 582).

Importa salientar que os primórdios da relação dos aveirenses com a Galiza prendem-se com a peregrinação a Santiago de Compostela (Silva, 2004, p. 336). João Sarabando (1997, p. 115) conta que alguns peregrinos da freguesia de Oliveirinha teriam visto, em Santiago, uma sua conterrânea... já falecida! Espanto injustificado, pois, conclui a estória, “em vida ou depois dela todos vão a Compostela”!...

Topónimos, antropónimos e os registos da presença de galegos em diversas atividades testemunham uma presença discreta e uma evidente integração económica, social e cultural dos Galegos estabelecidos na cidade e na região, nomeadamente, na pesca, no trato do sal e na venda ambulante. Trata-se de um fenómeno comum a todo o País, o que levou Rodrigues Lapa (1997, p. 37) a afirmar, citando Herculano, que “todo o Portugal é mais ou menos galego”. Não é de estranhar, dadas as origens históricas e linguísticas comuns, a contiguidade geográfica, a identidade religiosa e cultural.

Estamos, pois, perante um relacionamento mais estreito e frequente do que o verificado com indivíduos provenientes de outras regiões de Espanha. O facto de os imigrantes galegos serem gente pobre e se disporem a realizar todos os trabalhos, mesmo os mais duros e humildes, popularizou expressões lisonjeiras, como “trabalhar como um galego”, “peregrinos do trabalho” (A. Meijide Pardo, *apud* Alves, 1997, p. 70), ou “máquinas de suor” (Sequeira, 1967, p. 12). Todavia, a par dessas expressões, outras há, como “dizer galegadas” (ou galeguices), e muitas palavras, como o adjetivo *galego* (vulgarmente sinónimo de “fraco, ordinário e grosseiro”), que denotam uma antiga e mesquinha consideração social. “Ó sórdidos galegos, duro bando” – diz Camões (2000, Canto IV, 10). Em 1786, num

soneto sobre a carestia de vida, o abade de Jazente (2009) repete o acinte: “Vende as sardinhas o galego feio”.

Os dicionários registam os estereótipos, os usos informais com intenções pejorativas, naturalmente alheios ao “preconceito ou a discriminação presentes no uso da língua” (Figueira, 2010). No *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1981, p. 344), que segue o texto da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, o adjetivo *galego* é assim definido: “Pop. Diz-se de pessoa grosseira, incivil, de aspecto rude e vulgar”. Ou “labrego”, acrescenta o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003, p. 1839) duas décadas depois. Esse adjetivo é também utilizado para aviltar Beirões e Portugueses: “[...] *Prov. alent. Deprec.* Aquele que é natural do Norte do País, sobretudo das Beiras. || *Bras. Deprec.* Alcinha que os Brasileiros dão aos Portugueses”. Ou, como salienta Jorge Fernandes Alves (2002, p. 3), “os galegos são homens do norte”.

É paradoxal o “carácter assimétrico das relações entre Portugal e a Galiza” (Vázquez Cuesta, 1995, p. 5), pois “a Galiza tem estado mais perto de Portugal do que Portugal da Galiza”. Essa atitude leva a filóloga Pilar Vázquez Cuesta (1995, p. 5) a perguntar: “¿Como explicar esta tremenda desigualdade na atención mutua que os intelectuais de cada país prodigan ó outro sendo estes limítrofes e tendo compartido durante vários séculos a mesma história?”.

Na resposta à sua pergunta, Pilar Vázquez Cuesta põe a nu alguns aspectos estruturais da história e da cultura portuguesas. Apesar do nosso medular anticastelhanismo, embevecemo-nos e dobramo-nos provincianamente perante a grandeza do “inimigo” espanhol. Afinal, na Galiza nada existia que se comparasse com o prestígio aristocrático de Madrid, ou ao exotismo andaluz e mourisco de Sevilha. Da Galiza chegava apenas gente humilde, gente de trabalho e comerciantes. Os artistas – os dos ofícios, os das artes e das letras – esses vinham de outras paragens! Servida por deficientes vias de comunicação, a Galiza não atraiu muitos intelectuais portugueses. Como refere Pilar Vázquez Cuesta, a Galiza ficou sempre demasiado longe de Lisboa, a capital do Império. Longe, física e culturalmente!

Na verdade, só depois da publicação dos *Cantares Gallegos*, de Rosalía de Castro, em 1863, é que “se começou a tomar consciência do problema da cultura e da língua galega” (Seivane Tápia, 1997, p. 34), época em que ganhava consistência, na Galiza, o movimento cultural conhecido por *rexurdimento* (Henríquez Salido, 1997; Seivane Tápia, 1997; González Liaño, 2007). Por essa altura, Oliveira Martins, Teófilo Braga e Leite de Vasconcelos relevam a importância da unidade étnica e linguística galego-portuguesa (Torres Feijó, 1999). Mesmo assim, no início do séc. XX, o interesse pela Galiza mobilizou poucos escritores. As exceções foram, por razões diversas, Afonso Lopes Vieira, figura marcante do neotrovadorismo galego – “Galiza soidosa dos cantares sentidos, / Se es tan longe “d’eles”, vem aos teus amigos, / – Deixa Castela e vem a nós!” (López, 1997, p. 129); Teixeira de Pascoaes, que afirmou em 1912: “a Galiza é um troço de Portugal sob a pata do leão de Castela” (Mello, 2013); Pessoa que “julgava a Galiza e Portugal fazendo parte de uma entidade nacional” (Gonzales Blasco, 1997, p. 63), ou Manuel Rodrigues Lapa, para quem, nós, portugueses, “somos galegos daquém-Minho” (*apud* Alonso Estraviz, 1998). Nos nossos dias, destaca-se Viale Moutinho.

De facto, só nas duas últimas décadas, por razões que se prendem com o fim das ditaduras franquista e salazarista, com a autonomia galega e com a integração europeia, é que os projectos de reintegrationismo cultural e linguístico se tornaram consistentes, não obstante os problemas identitários decorrentes do “conflito entre a *verdade* histórica e a *realidade* presente” do galego (Gonzalez, 2005, p. 476). Com o fim da diplomacia da “amizade com Espanha”, do “equilíbrio peninsular” (cf. Oliveira, 1989, p. 71) e com o reconhecimento, em 1977, do galego “como língua própria da Galiza” (Henríquez Salido, 1997, p. 43), foi possível assistir aos primeiros ensaios conjuntos com vista à defesa dos interesses comuns, em vários domínios, como a euro-região do Noroeste da Península Ibérica (Lôpes Facal, 2001,) e a discussão sobre o futuro da língua (Fontenla, 2003).

Os Galegos nos *Passaportes de Trânsito*, 1835-1862

De 1835 a 1862, a Administração do Concelho de Aveiro fez o registo dos indivíduos que partiam da cidade com destinos diversos, a quem eram passados os salvo-condutos necessários para circulação no Reino, por terra ou por mar, por períodos que iam geralmente dos oito dias aos três meses.

Como sublinhou Jorge Fernandes Alves (1994, p. 105), “o passaporte, enquanto produto institucional, é fruto da crescente centralização do Estado”. Sintomaticamente, o primeiro diploma que procura regulamentar rigorosamente a mobilidade interna, é a lei pombalina de 25 de junho de 1760 (Alves, 1994, pp. 106-108). Com a instauração do liberalismo e a consagração da liberdade individual, “a liberdade de movimentos e de domicílio ganha o estatuto de direito do cidadão”. O Decreto de 25 de maio de 1825, criou a Intendência Geral da Polícia e a Secretaria Geral de Passaportes, com um regulamento próprio, reorganizando os mecanismos policiais de 1760. Como refere Jorge Fernandes Alves (1994, p. 108), em complemento a essa legislação, aprovou-se um *Regulamento de Visita às Embarcações Portuguesas* para se evitar, entre outros aspectos, a saída de passageiros sem passaporte. Mais tarde, a *Lei da Divisão Administrativa do Reino* (18 de julho de 1835) atribui ao então designado Governo Civil a concessão de “passaportes para fora do Reino, pelos Portos de Mar”, “ficando o administrador do concelho com a atribuição dos restantes (internos ou de saída pela raia), prática que, no primeiro caso, se manterá até aos nossos dias, enquanto os passaportes desaparecem oficialmente em 1863” (Alves, 1994, p. 108; Pereira, 2008, p. 37).

Na sua maioria, esses *Passaportes de Interior* não fixam de forma sistemática todos os diversos elementos identificadores, ou fazem-no de forma imprecisa, nomeadamente no tocante aos nomes dos estrangeiros, que contêm inúmeros erros ou são deliberadamente aporuguesados, como o de um italiano, que assina como Jioanni Battista Masone, e é registado como João Baptista Manoens. Muitas vezes, apenas indicam a nacionalidade ou os locais de nascimento incorretamente escritos. Não obstante essas e outras limitações, esses registos contêm informações preciosas sobre a mobilidade da população, como sobre a identidade dos seus requerentes (naturalidade, profissão, destino, acompanhantes, fiadores, idade, caracteres fisionómicos, meios de transporte utilizados, percursos a realizar, objetivos das viagens, etc.).

O único grupo sem destino certo – que se deslocava para “diferentes partes e feiras do Reino” – era o dos vendedores, qualquer que fosse a designação adotada. O significativo número dos vendedores e tendeiros ambulantes, que se deslocavam de terra em terra, de feira em feira, testemunham a importância do comércio ambulante no conjunto das trocas de uma economia pré-capitalista, nomeadamente no negócio de fazendas ou da venda de quinquilharias. Os vendedores ambulantes penetravam nos sítios mais esconsos, onde mais ninguém chegava, “oportunidade de contacto da população rural com grupos caracterizados por comportamentos, valores e mentalidades diferentes, de ‘outras paragens’” (Justino, 1988, pp. 273-308). De terra em terra, especialmente ao longo do corredor litoral, entre Viana do Castelo e Lisboa, muitos estrangeiros apresentavam-se com passaportes de Valença, Viana do Castelo, Guimarães e Braga. Modesto Soares Largaría, um “emigrado político”, capitão de Infantaria, de Oviedo, passa em Aveiro em 31 de março de 1859, com passaporte emitido em Braga, em 18 de outubro de 1858 (Aveiro, 1859, p. fl. 8). Em itinerância permanente, comerciava-se de tudo, produtos e serviços: fazendas e toalhas, retroses e saragoças, quinquilharia, drogas, cordas, palitos do Lorvão, calçado, livros, flores, perfumes, estampas e mezinhas, etc. Até o teatro, as touradas e outros espectáculos eram fornecidos por companhias ou famílias ambulantes.

Vejam sumariamente o que esses *Passaportes de Trânsito* nos dizem sobre os estrangeiros fixados ou de passagem na cidade e na região de Aveiro, nomeadamente sobre os Galegos registados nos 12 livros existentes no Arquivo Municipal de Aveiro. Embora se torne difícil saber quando estamos perante Galegos, pois, muitas vezes são registados como “espanhóis”, é possível afirmar que esses “espanhóis” são, na sua maioria oriundos da Galiza. Também no Porto, em 1873, o cônsul espanhol assegurava que “os emigrantes galegos representam 97% dos emigrantes espanhóis em Portugal” (cf. Alves, 2002).

Esses registos de passaportes não permitem saber quantos galegos passaram por Aveiro, nem quantos por cá ficaram, em meados do séc. XIX, pois referem apenas os que partem, não os que chegam, como não dão conta do volume de estrangeiros em trânsito por Aveiro, os passageiros das escunas e vapores que chegavam e saíam da cidade.

Um pouco à semelhança do que acontecera nas centúrias anteriores, passam por Aveiro, por mar e terra, muitos indivíduos com estatutos socioprofissionais variados, provenientes de diversos países. Os registos dão conta da passagem de 31 italianos, 20 franceses, 6 britânicos, 3 brasileiros, 3 suíços, 2 alemães, 1 norte-americano e 1 sardo, ligados sobretudo ao comércio. Vendem serviços e bens procurados por uma clientela urbana em crescimento.

No conjunto, era uma multidão variada e colorida de vendilhões, tendeiros ou bufarinheiros, fotógrafos, músicos, atores, cantores, comediantes, malabaristas e prestidigitadores, cauteleiros, toureiros, perfumistas, floristas, tintureiros, dentistas, caixeiros, confeiteiros, caldeireiros, jornalheiros, criados, lavradores, contratadores, castradores e até empresários, diplomatas e refugiados políticos. Alguns desses estrangeiros fixaram residência na cidade de Aveiro ou nas localidades limítrofes (mais os Galegos que quaisquer outros), donde partiam para ganhar a vida pelas mais diversas terras do Reino. Em outubro de 1855, um

espanhol é abonado por um tal José Dente, natural da Sardenha, e residente em Aveiro (Administração do Concelho de Aveiro, 1855, reg. n.º 151, 10-10-1855). Outros tinham residência fixa em localidades como Lisboa, Coimbra e Porto, passando por Aveiro na ida ou na volta.

Como se pode ver no Anexo I, entre os 76 “espanhóis” com passaporte emitido em Aveiro, apesar de não ser referida ou explicitada a ocupação profissional de 18%, há cerca de 25% de vendilhões, ou tendeiros ambulantes, e 20% de criados, serventes e trabalhadores; os restantes têm ocupações profissionais diversas: capinhas (3), estudantes (3), directores de “companhias de cavalinhos” (1), de grupos teatrais (1) e até de “panoramas ópticos” (2), carpinteiros (1), floristas (1), vendedores de perfumes e estampas (1), prestidigitadores (1), e um militar emigrado político. Na sua maioria, tinham uma condição social humílima. Apenas uma pequena parte (14) se fazia acompanhar de criados. No conjunto, trata-se de uma emigração essencialmente masculina.

Os Galegos que demandaram Aveiro, especialmente os que provinham da região de Ourense, eram vendilhões, tendeiros, trabalhadores ou serventes e criados. Já na segunda metade do século XVIII, como forma de estancar a saída de tantos galegos para Portugal, o Marquês de Croix propôs a confiscação dos seus bens. Depressa viu a inutilidade da medida, “porque os que saem não os têm” (González Lopo, 1993, p. 378). Anos antes, no início do século XVIII, quando se inicia o “transvaze de população para Portugal”, o principal destino da população galega da região sudoeste, entre 1701 e 1900 (González Lopo, 1993, pp. 376-377).

Esses galegos dedicavam-se às mais variadas atividades fixadas pela memória colectiva – faziam os trabalhos mais duros e ocupavam-se nos serviços domésticos (González Lopo, 1993, p. 380) –, nomeadamente em Lisboa e no Porto, embora durante muito tempo a literatura olisiponense tenha resumido essa presença a quase apenas a umas quantas “figuras típicas” e “tipos citadinos”, como os amoladores, os aguadeiros, os taberneiros, os carvoeiros, os criados, os moços de recados, especialmente os dos recados amorosos. E os cozinheiros! Segundo alguns autores (Mourato, 1994; Amorim, 1987), “havia pratos que só cozinhados por galegos valia a pena comer: a chanfana, a meia-desfeita, as iscas com elas, o bacalhau com gravanço, e outros”.

Em 1966, quase todos os amoladores de Lisboa ainda eram galegos, geralmente provenientes de Ourense (Mourato, 1994, p. 912). Vestiam “a clássica bombazina e boina preta, andavam pelas ruas de Lisboa, sobretudo nos bairros mais populares, empurrando as traquitanas-oficinas, onde girava uma pedra de esmeril accionada por uma correia... Afiavam as facas, as navalhas e as tesouras. Também se encarregavam de arranjar os chapéus-de-chuva e loiça quebrada (“deitar gatos”)” (Dinis, 1986, p. 262).

Sobre os aguadeiros, a outra profissão, “tradicionalmente ocupada pelos Galegos que chegavam a Lisboa”, Aquilino Ribeiro, em *Lápides Partidas* (1945), refere um galego, de Porriño, que escreve à mulher: “A terra é boa, a xente é tola, a auga é deles e nós vendemosla”. Já S. Chantal contava, no seu livro sobre o século XVIII português, que “havia mais de três mil a vender água em Lisboa” (González Lopo, 1993, p. 380; Mourato, 1994, p. 916). O dito é velho. E nem sequer é exclusivo dos Galegos. No século XVII, os muitos franceses (de Auvergne e Limosin)

que se dedicavam ao ofício de aguadeiro diziam o mesmo dos espanhóis (apud J. Carel González Lopo, 1993, pp. 390, nota 41).

Com os dados disponíveis é difícil correlacionar o número de estrangeiros, a quem foram passados passaportes internos, com as mais diversas comoções políticas, económicas e sociais – galegas e outras –, ao longo do período documentado. A instabilidade política da vizinha Espanha, entre 1833 e 1875 – a terrível *era dos pronunciamentos* (García de Cortazar & González Vesga, 2012, pp. 447-479), ou mesmo o conflito que opõe, na Galiza, liberais e carlistas (1833-1839), não parece trazer a Aveiro mais imigrantes, contrariamente ao que se terá passado em Lisboa e Porto.

A propriedade feudal e a ausência de individualismo agrário, diz Ramón Villares (1991, p. 113), “são as duas faces da mesma moeda: a permanência de uma agricultura tradicional”, pelo que “não deve estranhar-se que estejamos perante uma população emigrante, uma economia que caminha a passo de tartaruga e uma sociedade ruralizada”. Segundo este historiador, os três indicadores da impossibilidade de transformação da economia e da sociedade galegas são: a permanência do sistema foral, o minifundismo das lavouras e os chamados *trabucos*, um conjunto de impostos “que, tanto agricultores como recebedores deviam pagar às instituições da fazenda estatal, provincial ou municipal” (Villares, 1991, pp. 117-120). Especialmente entre 1845 e 1881, estes impostos são responsáveis pelo incremento da emigração, temporária ou permanente, então registada.

Admitindo que o volume de registos dos passaportes fica bastante aquém da realidade, o número global de galegos arrolados em Aveiro é diminuto, se confrontado com o número dos que se instalam noutras cidades, como o Porto, Coimbra ou Lisboa.

Segundo Meijide Pardo (apud González Lopo, 1993, p. 383), vivam uns 80.000 galegos em Portugal, no início do século XIX, “metade dos quais em Lisboa, onde se não dá um passo sem topar um galego” (Mourato, 1994, p. 916). Segundo este autor, em 1830, haveria na capital “3454 aguadeiros galegos!”. No final dessa centúria, esse número cifrar-se-ia em cerca de 60.000, dois terços dos quais com residência em Lisboa e Porto (González Lopo, 1993, p. 383). No Porto, no final do século XIX, essa comunidade representa 59,3% do total dos estrangeiros que ocupavam cerca de 3% do total dos fogos da freguesia de Cedofeita, segundo Carlos Martins Pereira (1995, p. 89). González Lopo (1993, pp. 376-379) afirma que a segunda metade do século XIX regista “uma diminuição progressivamente maior do contingente de emigrantes que se dirigia para diferentes pontos da Península, enquanto aumenta a emigração para a América”.

Com efeito, a escassa circulação e fixação dos Galegos constitui um indicador do débil dinamismo económico da cidade e na região de Aveiro, da sua (in) capacidade para atrair imigrantes.

Também as escassas referências da imprensa local testemunham a passagem por Aveiro de algumas companhias teatrais do país vizinho. Apenas em dois casos há certeza de não serem galegas. Em 18 de julho de 1858, dizia *O Campeão do Vouga* (Rodrigues, s.d.): “O Sr. Prado e a Sra. Lagos faziam as primeiras partes de canto, e nos *vaudeville* o Sr. Léon desempenhava o papel de protagonista. Todos são pessoas de bom trato e *andam por este mundo de Cristo penando as consequências*

das sucessivas comoções do reino vizinho, onde o último foi jornalista e pertence a uma família distinta” [itálicos meus]. Nesse ano ainda, passa por Aveiro a Companhia Espanhola de Bernardo Corona. No ano seguinte, o mesmo periódico afirma a propósito da passagem de uma outra: “a companhia Macedo é a melhor que percorre as províncias e a mais notável que tem representado em Aveiro”. E seguir-se-lhe-ia, nesse mesmo ano, a Companhia dos catalães Munné. Nos anos seguintes, representaram em Aveiro três outras companhias espanholas: a Companhia Espanhola de Carlos Argent (1861), uma Companhia Espanhola de Zarzuela (1863) e uma outra ainda, em 1871.

A memória colectiva reteve histórias de outros “espanhóis”, como a de um relojoeiro, anarquista, fugido da Guerra Civil de Espanha (1936-1939), que terá trabalhado na relojoaria de Amaro Branquinho, na Rua João Mendonça (Sousa, 1992, p. 7) e terá realizado instrumentos de precisão para entidades várias na cidade e na região.

Os Garcia Alvarez – uma dinastia de comerciantes galegos¹

Da Galiza vinham trabalhar “nos mais variados misteres”, como diz Calderon Dinis (1986), “do moço de fretes ao criado de café ou restaurante, amealhando, à força do pulso, de paciência e algumas privações os tostões necessários à sua economia, chegando alguns a proprietários dos estabelecimentos onde haviam começado a lavar pratos”. Os registos dos passaportes testemunham situações semelhantes. Jacinto Gonçalves era, em 1853, criado de Benito Lopes; nos anos seguintes, ei-lo como tendeiro ambulante. Em 1855 já se fazia acompanhar do seu criado Manuel Arnela.

Uma das características reconhecidas aos Galegos é a sua tenacidade e sobriedade de carácter, uma enorme capacidade de trabalho, um espírito lutador próprio dos *self-made men*, o que permitiu a muitos, em duas ou três gerações, alcançar lugares de relevo na economia e na sociedade portuguesas. Refiro alguns dos mais conhecidos, como Jerónimo Martins, que foi fornecedor das principais casas nobres e da Casa Real Portuguesa, hoje um dos maiores grupos de distribuição alimentar (Santana & Sucena, 1994, p. 477); Manuel Bullosa, um dos maiores industriais de sempre, filho de um casal de galegos (Infopédia, 2016), António Regojo, o fundador de um império têxtil (Torres Cabajo, 2009); ou Santiago A. A. Mendes, importante comerciante de Coimbra, avô galego de Francisco Assis Pacheco, que o romanceia em *Trabalhos e paixões de Benito Prada* (1994).

Muitos ficaram. Outros regressaram para comprar uma leira de terra, uma quinta, uma casa ou para se estabelecerem de porta aberta. Benita G. Carballo de Wiessing conta que os seus velhos amigos Inácio e Ana Carballo, depois de uma vida de trabalho duro, “habian vuelto a pasar la recta final de su laboriosa vida en su terriña gallega”, na sua bela casa; comiam “carne assada à portuguesa” à ceia, servida pela criada Maria, uma “buena rapariga lusitana” (Carballo de Wiessing, S.d.).

¹ Esta parte do texto foi realizada com diversa informação oral e escrita fornecida pelas seguintes pessoas a quem agradeço: Arq.¹⁰ António Manuel C. Natal Garcia, Dr. Costa e Melo, Dr. Francisco de Castro Pinho, D. Maria de Fátima Natal Garcia, Sr. Serafim Simões Garcia.

Entre os descendentes dessa de gente, conta-se uma família de comerciantes, os Garcia, oriundos de Casdemiro, localidade próxima de Orense. Da vasta prole de António Garcia e Josefa Cudeiro – ele natural de Santiago de Carracedo e ela de Lugo –, uma parte veio para Portugal, estabelecendo-se no Porto, Estarreja, Aveiro e Coimbra, no início de novecentos, na venda ambulante de fazendas, rendas e retrosaria e outras miudezas afins. Três dos seus filhos ficaram na Galiza. Alguns netos, mais tarde, partiriam para a América Latina. Esta família ilustra bem os percursos de muitas outras famílias galegas do final de Oitocentos e das primeiras décadas do século actual.

Também os Garcia subiram a pulso na vida. A terceira geração em Portugal ascendeu a lugares de relevo. O mesmo se passou com os seus primos que demandaram a Venezuela e a Argentina. E até os que ficaram no torrão natal ascenderam socialmente. Essa terceira geração integra advogados, arquitectos, engenheiros, professores e, sobretudo, comerciantes de tecidos e vestuário, calçado, vinhos, livros e outros produtos. Em Aveiro, a “Casa Peguerto” e a “Casa Espanhola” ocuparam, até há pouco tempo, lugares de relevo no comércio local.

Isabelino, Serafim e Jesus, três dos filhos de António Garcia González e Josefa Vásquez Cudeiro, vieram para Portugal nos primeiros anos do século XX. Nados e criados em Santiago de Carracedo e Rioboo, próximo de Orense, Isabelino, Serafim e Jesus Garcia eram apenas três dos muitos vendedores ambulantes, três desses “sufridos emigrantes gallegos”, que abandonaram o torrão natal em busca de melhor sorte, em terras de Portugal. Com o pai e tios, ou com outros galegos terão percorrido e calcorreado velhos caminhos sabidos de cor por gerações de vendilhões e tendeiros.

Isabelino, o mais velho, terá vindo primeiro, na viragem do século, pela mão do pai. A seguir veio o Serafim. Jesus seria o último. Com este veio, também, Santiago A. A. Mendes. Segundo F. Assis Pacheco, chegaram a Portugal quando D. Carlos foi assassinado. Mais tarde, trariam alguns dos seus filhos, também. Como sempre, vinham puxados uns pelos outros, e fixavam-se com a ajuda de todos! Isabelino Garcia instala-se em Coimbra e traz, mais tarde, o seu irmão Serafim. Pouco depois, vem Jesus, que se fixa em Paranhos, onde nascem as filhas Margarida e Maria Alice. Na sua segunda viagem a Portugal, Serafim já traz o seu filho Avelino, o mais velho, que se fixaria na Costa do Valado, a sul de Aveiro. Traria, depois, Pejerto e a filha Dorinda. Esta regressaria pouco tempo depois, tendo feito ainda a instrução primária em escola portuguesa. O filho Manuel, o único homem que ficara com a mãe, só viria para Portugal bastante mais tarde, depois de cumprido o serviço militar, nas Astúrias, durante a Guerra Civil de Espanha.

Pejerto faz ao irmão Manuel o que lhe haviam feito a ele – dá-lhe a égua e a galera, para “andar à volta”, que é como quem diz, para poder visitar os clientes habituais que tinham na região. Os seus fornecedores eram galegos, geralmente do Porto, como a casa de Torres Figueiredo. Ali, a amizade era tão forte que, além de obterem de fiado ainda lhes ficavam por fiadores. Os Galegos protegiam-se mutuamente. Os testemunhos escritos e orais mostram bem como a solidariedade era o valor mais forte dessa comunidade. Constituía, assim, um grupo geograficamente disperso, mas coeso, muito unido, capaz de enfrentar as inúmeras dificuldades decorrentes do desenraizamento ou do preconceito. O

que se passava com um era sentido por todos. Os nomes que colocam aos filhos, ou a geografia das suas andanças, são bons testemunhos desse comportamento. Essa solidariedade estendia-se até a outros cidadãos do país vizinho. Uns padres espanhóis, que estiveram em Aveiro durante algum tempo, foram muito auxiliados por Pejerto Garcia.

As raízes não foram esquecidas, apesar da natural integração no meio. Os Garcia, em Aveiro, continuaram a par do que se passava na sua terra natal. Ou pelas notícias que de lá vinham, ou pela assinatura de jornais, como *La Rexion*, ou a *Voz de Galicia*, ou, ainda, nas reuniões de toda a família, uma vez por ano, nas festas religiosas de Rioboo.

Antes de se estabelecerem de “porta aberta”, os Garcia andaram “na ambulância”, ou como refere Assis Pacheco, andavam “no ofício”. Percorriam a região, entre Estarreja, Aveiro e Águeda, numa galera, uma carroça puxada por cavalos, na qual se transportavam os panos ou mesmo a família. Pelo caminho, todos estes galegos fizeram bons amigos. De Estarreja para Aveiro, Pejerto Garcia e os irmãos pernoitavam em Cacia, em casa do velho amigo Eusébio Pereira. Vendiam, comiam e dormiam. Faziam negócios com esses amigos que anunciavam a chegada do “ambulante”! E voltavam a casa com frequência. A viagem para rever a família servia para comprar e vender. Serafim Garcia levava habitualmente videiras e regressava a Portugal carregado de louça de esmalte e sedas, que vendia no Porto, onde comprava tecidos, tendas e outras miudezas para vender nos seus circuitos da região de Aveiro.

Isabelino fixou-se Coimbra, onde os seus quatro filhos viriam a estabelecer-se como comerciantes também. Um deles, Joaquim Lourenço Garcia, teve uma pequena unidade de produção de xales de merino, vendendo nos mercados locais, exportando para a Galiza.

Serafim casou com Emília Alvarez Iglésias, também de Ourense, que lhe deu dez filhos, entre 1901 e 1919. Tal como a maioria das mulheres destes imigrantes, Emília nunca veio a Portugal. Por lá ficou, cuidando dos filhos, na quinta em Rioboo, comprada após o casamento.

Depois do nascimento do primeiro filho, Serafim fez-se à estrada, vindo a fixar-se na Costa do Valado, localidade dos arredores de Aveiro. Na viagem seguinte, trouxe consigo Avelino, seu filho mais velho. Nos anos imediatos, seria a vez dos outros. Pejerto veio a pé, no final da Grande Guerra. Tinha apenas nove anos de idade.

Jesus Garcia casou com Remédios Carvalho de Castro, filha de um emigrado de Cuba e de uma das filhas de António Valente, proprietário rural de Ourense. Vem para Portugal e fixa residência em Paranhos, onde foi, durante anos, vendedor ambulante, vindo a estabelecer-se, por sugestão de um seu conterrâneo, em Estarreja, engrossando a comunidade local de galegos. Jesus terá ido para Estarreja levado por Inácio Carballo, um galego ali estabelecido com a família, há mais tempo. Compra casa e estabelece-se de porta aberta, abandonando a venda ambulante. Mais tarde, Jesus Garcia faria o mesmo ao seu sobrinho Pejerto, a quem deu a mula e a “caixa” para a “ambulância”, e, mais tarde a filha mais velha, em casamento. Conta-se que foi ele quem ajudou Santiago A. A. Mendes a abandonar o ofício de amolador.

Avelino Garcia fixa residência na Costa do Valado, onde viria a casar com Maria Simões de Oliveira, de quem teria cinco filhos. Abre um estabelecimento comercial em Aveiro, na Rua José Estêvão, de parceria com o pai. Mais tarde passaria para o belo edifício dos Armazéns do Chiado, onde hoje se encontra a Farmácia Ala, na Praça Melo e Freitas. No final dos anos 1930, traz a família para a cidade, vindo a morrer pouco depois, na sequência de uma inundação do seu estabelecimento comercial, provocada por uma cheia, no Inverno de 1937.

Mesmo com estabelecimento em Aveiro, Avelino Garcia fazia as feiras da região com os filhos – Oliveirinha, Vista Alegre, Palhaça, Cantanhede, Santo Amaro –, além dos mercados diários, como o de Oliveira do Bairro. No início, deslocava-se com uma galera, transportando nela a família. Mais tarde adquire uma viatura de caixa fechada, de marca Cheevrolet e, por fim, uma Dodge.

Em 1923, Peguerto Garcia, já com o nome aportuguesado, estabelece-se em Aveiro, depois do insucesso da sociedade em que se envolvera, no Porto. Peguerto Garcia é indicado em 1929 como vendedor de miudezas. Em 1927, o espanhol José González é indicado no grupo de comerciantes de rendas e retrozes da cidade. A partir de 1937 é referido como capelista. Peguerto abre, em sociedade ao Albano Ferreira, de Aveiro, a Loja de Meias, numa casa que adquirira anos antes, na Rua José Estêvão.

Manuel Garcia vem para Portugal em 1939, como disse, pouco tempo após a morte de seu irmão Avelino. Na venda ambulante pela região, conheceu Maria Aldegundes, natural de Gesta, Oiã, e sobrinha do escritor bairradino António de Cértima, com quem viria a casar, em 1942. Conta-se na família que a mãe de Maria Aldegundes, Ana Rosa Gomes Cruzeiro – viúva de Abel dos Santos Rosa Natal, professor de Belas Artes, diplomata, e Governador da Guiné, abatido a tiro em Lisboa, durante a República – não teria visto com bons olhos o namoro da filha. D. Ana Rosa Gomes Cruzeiro escreve a seu irmão, António de Cértima, então cônsul de Portugal em Sevilha, pedindo-lhe um conselho, dizendo-lhe que a filha conhecera um “espanhol”, sobrinho de um tal Jesus, de Estarreja. Cértima, então cônsul em Sevilha, ter-lhe-á dito que, “de Espanha não vem nem bom vento, nem bom casamento”, mas, como o “espanhol” era galego, que casasse, pois, “os Galegos são gente trabalhadora”.

No ano seguinte, compra uma casa na Rua Direita, onde abre o seu estabelecimento comercial, inicialmente denominado *A Espanhola*, e substitui a velha galera por uma camioneta. Seu tio Jesus foi o fiador. De resto, foi esse seu tio e o irmão Peguerto que o afiançaram nos armazéns do Porto. Passado algum tempo, a sua casa era uma referência no comércio de vestuário em Aveiro.

Referências bibliográficas

- ADAVR. (1832). *Casamentos. Requeixo*. Fundo Paroquial, liv. 17, fl. 106.
- Administração do Concelho de Aveiro. (1855). *Livro de Registo de Passaportes, 1851-1855*. Arquivo Municipal de Aveiro, liv. 1504.
- Alonso Estraviz, I. (1998). A Galiza, os galegos e a língua segundo Rodrigues Lapa. *Agália*, 53. Disponível em http://agal-gz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=agal:53_a_galiza_os_galegos_e_a_lingua_segundo_rodrigues_lapa.pdf
- Alves, J. F. (1997). Peregrinos do trabalho. Perspectivas sobre inmigración galega en Porto. *Estudios Migratorios*, 4, 69-82.

- Alves, J. F. (2002). Imigração de galegos no norte de Portugal (1500-1900): algumas notas. In A. E. Roel & D. G. Lopo (Eds.), *Mobilidade e migracions internas na Europa Latina* (pp. 117-126). Santiago de Compostela: Catedra Unesco. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo11211.pdf>
- Alves, J. F. (1994). *Os Brasileiros. Emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto: Gráfica Reunidos.
- Amorim, I. (1996). *Aveiro e sua provedoria no séc. XVIII (1690-1814). Estudo económico de um espaço histórico*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro.
- Amorim, R. (1987). *Da mão à boca. Para uma história da alimentação em Portugal*. Lisboa: Salamandra.
- Barreira, M. (1993). As marinhas de sal e a barra de Aveiro na crise do séc. XVII. *Revista Portuguesa de História*, XXVIII, 95-141.
- Câmara Municipal de Aveiro. (1834). *Livro de Vereações e Acórdãos da Câmara Municipal de Aveiro, 1833-1840*. Arquivo Municipal de Aveiro, liv. 12.
- Câmara Municipal de Aveiro. (1859). *Livro de Apresentação de Passaportes, 1852-1865*. Arquivo Municipal de Aveiro, liv. 1510.
- Câmara Municipal de Aveiro. (1866). *Livro de Termos de juramento dos juizes de Paz*. Arquivo Municipal de Aveiro, liv. 1361.
- Camões, L. V. D. (2000). *Os Lusíadas* (4ª ed.). Lisboa: Instituto Camões.
- Carballo de Wiessing, B. G. (s. d.). A orillas de Miño [Texto policopiado].
- Dinis, A. C. (1986). *Tipos e factos da Lisboa do meu tempo: 1900-1974*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Felgueiras, G. (1980). O Galego – tipo popular da fauna lisboeta. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, III (86-1).
- Figueira, H. (2010). Sentido depreciativo de galego. Consultado em <http://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/4388>
- Fontenla, J. L. (2003). O mito de Babel: contra a desagregação da Língua Portuguesa. *Babilónia-Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*, 1. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/babilonia/article/download/1770/1420>
- Fortuna, A. A. A. (1853). *Livro de Actos e Contratos*. Arquivo Distrital de Aveiro, liv. 688-49.
- García de Cortazar, F., & González Vesga, J. M. (2012). *Breve Historia de España*. Madrid: Alianza Editorial.
- Gonzales Blasco, L. (1997). Luta dos Galegos em defesa da unidade cultural comuns. Uma visão de ambas as partes. In *Galiza-Portugal, uma só nação* (pp. 61-80). Lisboa: Nova Arrancada.
- González Liaño, I. (2007). *Socioloxía das literatas na Galicia do Rexurdimento: a singularidade do pensamento feminista de Rosalía de Castro*.
- González Lopo, D. L. (1993). La emigración a Portugal desde el suroeste de Galicia en los siglos XVIII al XX. In M. B. N. D. Silva, M. I. Baganha, M. J. Maranhão, & M. H. Pereira (Eds.), *Emigração/Imigração em Portugal- Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (séc. XIX-XX)* (pp. 373-391). Lisboa: Editorial Fragmentos.
- Gonzalez, J. D. (2005). A condição de Portuguesa da língua da Galiza. *MÁRIO VILELA*, 469. Disponível em <http://scholar.googleusercontent.com/scholar.enw?q=info:PRlhYzUjN0J:scholar.google.com/&output=citation&scisig=AAGBfm0AAAAAWCxVPwThgwcA-P4x71cAsyKuFAIndpCq&scisf=3&ct=citation&cd=0&hl=pt-PT>
- Henríquez Salido, M. D. C. (1997). O reintegracionismo cultural e linguístico galego-português. In *Galiza-Portugal, uma só nação* (pp. 33-39). Lisboa: Nova Arrancada.
- Houaiss, A., & Villar, M. D. S. (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2). Lisboa: Temas & Debates.
- Infopédia. (2016). Manuel Boulosa. Consultado em [https://www.infopedia.pt/\\$manuel-boulosa](https://www.infopedia.pt/$manuel-boulosa)
- Jazente, A. D. (2009). *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcelos, abbade de Jazente* (I). Amarante: Câmara Municipal de Amarante.
- Justino, D. (1988). *A formação do espaço económico nacional, 1810-1913*. Lisboa: Vega.
- Leira, X. (2007). *Historias dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa*. Santiago de Compostela: Acuarela Comunicación.
- Lôpes Facal, J. (2001c). A euro-região económica de Galiza, Norte de Portugal. *Revista Portuguesa de Gestão*, 3. Disponível em http://agal-gz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=gze-ditora:a_euro-regiao_economica.pdf
- López, T. (1997). *O Neotrobadorismo*. Vigo: Edicións A Nosa Terra.

- Machado, J. P. (1981). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (V). Lisboa: Amigos do Livro Editores.
- Mello, M. D. (2013c). Teixeira de Pascoaes e Rosália de Castro. *Diário do Minho*. Disponível em <http://www.juventudedagaliza.com/comunicacion-y-prensa/2013/teixeira-pascoaes-rosalia-castro.html>
- Mourato, A. C. (1994). Tipos citadinos. In F. Santana & E. Sucena (Eds.), *Dicionário da História de Lisboa* (pp. 911-922). Lisboa: s. n.
- Oliveira, C. (1989). Oliveira Salazar e a política externa portuguesa: 1932-1968. In *Salazar e o Salazarismo*.
- Pacheco, F. A. (1994). *Trabalhos e paixões de Benito Prada*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Pereira, C. M. (1995). *Famílias portuguesas na viragem do século (1880-1910)*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pereira, M. D. C. M. (2008). Legislação sobre emigração para o Brasil na Monarquia Constitucional. In M. I. Matos, F. D. Souza, & A. Hecker (Eds.), *Deslocamentos & Histórias: os Portugueses* (pp. 35-47). São Paulo: EDUSC. Disponível em <http://scholar.googleusercontent.com/scholar.enw?q=info:oESglW8LLE0J:scholar.google.com/&output=citation&scisig=AAGBfm0AAAAWCxrHh5XUNilvjDPuXX7FvaPEouHO87&scisf=3&ct=citation&cd=0&hl=pt-PT>
- Rodrigues, M. F. (S. d.). *O Teatro em Aveiro, 1856-1881*. [Em preparação para publicação].
- Rodrigues, M. F., & Barreira, M. (1994). Toponímia do concelho de Aveiro. Elementos para o seu estudo. *Estudos Aveirenses*, 3, 167-194.
- Santana, F., & Sucena, E. (1994). Jerónimo Martins (Estabelecimento de). In F. Santana & E. Sucena (Eds.), *Dicionário da História de Lisboa* (p. 477). Lisboa: s. n.
- Sarabando, J. (1997). *Caçaréus e Ceboleiros. Aveiro - usos e costumes*. Porto: Campo das Letras.
- Seivane Tápia, B. (1997). Galiza: ontem e hoje de um genocídio linguístico. In *Galiza-Portugal, uma só nação* (pp. 79-100). Lisboa: Nova Arrancada.
- Sequeira, A. D. M. (1967). *Depois do Terramoto. Subsídios dos bairros ocidentais de Lisboa* (II). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Silva, A. D. P. (1901). *Actos e contratos*. Arquivo Distrital de Aveiro, liv. 1095-22.
- Silva, J. A. D. (2004). Caminhos de Santiago. *Theologica*, 39, 331-357. Disponível em http://scholar.googleusercontent.com/scholar.enw?q=info:Nip8wN7FfrYJ:scholar.google.com/&output=citation&scisig=AAGBfm0AAAAWDH2z6JXjv0mboeD_D399Qu1zNTepxDk&scisf=3&ct=citation&cd=0&hl=pt-PT
- Silva, M. J. V. B. M. D. (1991). *Aveiro medieval*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- Sousa, A. D. (1992). Relojoeiro Isla. *O Aveiro*.
- Tavares, M. J. F. (1997). A expulsão dos Judeus de Portugal: conjuntura peninsular. *Oceanos*, 29.
- Torres Cabajo, F. (2009). *El Vigo de otra época*. Vigo: Ediciones Cardeñoso.
- Torres Feijó, E. J. (1999). Cultura portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891). *Ler História*, 36, 273-318. Disponível em http://agal-gz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=gze-ditora:cultura_portuguesa_e_legitimacom_do_sistema_galeguista.pdf
- Vázquez Cuesta, P. (1995). Portugal-Galicia, Galicia-Portugal: un diálogo asimétrico. *Colóquio-Letras. Nós: a Literatura Galega*, 137-138, 5-21.
- Villares, R. (1991). *História da Galiza*. Lisboa: Livros Horizonte.

Resumo

Entre 1835 e 1862, passaram por Aveiro muitos galegos, com destino a diversas vilas e cidades portuguesas, ou a caminho da América Latina. Deixando familiares no Porto, Espinho e Estarreja, alguns desses “peregrinos do trabalho” fixaram-se em Aveiro, deixando marca (discreta) na toponímia, na antroponímia e em diversas atividades económicas, nomeadamente no trato do sal, na pesca, no comércio ambulante ou de “porta aberta”. Testemunham de forma eloquente uma excelente integração económica, social e cultural, facilitada pelas origens históricas e linguísticas comuns, pela proximidade geográfica, pela identidade cultural. Na verdade, “todo o Portugal é mais ou menos galego”. Essa familiaridade chegou aos nossos dias, não obstante o “carácter assimétrico das relações entre Portugal e a Galiza”, até há poucas décadas.

Abstract

Between 1835 and 1862, many Galicians passed through Aveiro, bound for several Portuguese towns and cities, or on their way to Latin America. Leaving relatives in Porto, Espinho and Estarreja, some of these “pilgrims of work” settled in Aveiro, left a (discreet) mark in toponymy, anthroponymy and in various economic activities, especially in the trade of salt, fishing, or ‘open door trading’. They eloquently demonstrate an excellent economic, social and cultural integration facilitated by common historical and linguistic origins, geographical proximity and cultural identity. In fact, “all of Portugal is more or less Galician.” This familiarity has reached our days, despite the “asymmetrical character of the relations between Portugal and Galicia”, until a few decades ago.

Anexo 1. “Espanhóis” que passaram ou se fixaram em Aveiro, 1835-1862

Nº	Data	Nome	Id	Terra de origem	Ocupação	Destino	Acompanhante
1	1835.12.14	Ambrósio Alves	37	Galiza, resid. Aveiro	-	Porto	-
2	1836.09.14	José de Sousa	36	Galiza	-	Valença	-
3	1836.09.14	José Bonito Rodrigues	31	Galiza	-	Valença	-
4	1836.09.14	Manuel Fernandes	16	Galiza	-	Caminha	-
5	1836.11.07	Francisco Molícia	34	Espanha	Belfurineiro	Porto e mais terras	A mulher
6	1837.06.26	Vicente Lourenço	50	Galiza	-	Valença	-
7	1837.12.03	Miguel José de Castro	32	Espanha	-	Porto	Sete marinheiros ingleses
8	1838.07.04	Francisco Vulgar	46	Badajós	-	Para diversas terras	A mulher e três filhos
9	1839.02.04	José Marca	18	Espanha	Comediante	Para diversas terras	A mulher e um criado
10	1839.02.04	Francisco Marca	40	Espanha	Comediante	Para diversas terras	A mulher e seis filhos
11	1839.02.26	Cipriano de Pais	26	Galiza, resid. Aveiro	Criado de servir	Lisboa	-
12	1839.08.08	Francisco Valgas	40	Badajós	Cómico	Para diversas terras	A mulher e três filhos
13	1839.09.12	Francisco Lourenço	39	Galiza	Criado do Governador Civil	Lisboa	-
14	1841.04.10	António Buella	24	Galiza	Trabalhador	Lisboa	António Lourenço, trabalh.
15	1841.09.11	Manuel Vargas	21	Sevilha	Capinha	Lisboa	Outro
16	1841.09.11	Manuel Garcia	18	Sevilha	Capinha	Lisboa	Outro
17	1841.10.14	José Vidal	49	Galiza	Criado em Aveiro	Lisboa	-
18	1842.10.17	António Cravaça	34	Espanha, resid. Lisboa	Vive da sua agência	Lisboa	-
19	1842.10.16	Romão Maria Bandeira?	21	Galiza	Criado de servir	Lisboa	-
20	1843.03.07	Francisco Lourenço	32	Galiza	Criado de servir	Lisboa	-
21	1843.09.25	Rafael do Paço	50	Galiza	-	Minho	O criado, Rafael Cainhago
22	1847.02.25	Francisco Molina	32	Ouil, Espanha	Droguista	Viseu e outras partes	A mulher, Francisca Seller
23	1850.12.07	Isidoro Emilio de La Caly	24	Burgos	-	Coimbra e outras	-

A DISCRETA PRESENÇA DOS GALEGOS EM AVEIRO

Nº	Data	Nome	Id	Terra de origem	Ocupação	Destino	Acompanhante
24	1850.12.07	Victoriano Sanches	24	Palência	-	Coimbra e outras	-
25	1850.12.08	D. José Maria Facão	28	Cacavelos, Leão	-	Coimbra e outras	-
26	1850.12.08	D. Fr. ^{co} Tomaz Lafuente	26	Sevilha	Estudante	Coimbra e outras	-
27	1850.12.08	D. Manuel Loia	33	Almaria, Espanha	Estudante	Coimbra e outras	-
28	1850.12.08	D. Luis de Aguillar	26	Cádiz	Estudante	Coimbra e outras	-
29	1850.12.16	Fernando Nunes	25	Galiza	Criado do Governador Civil	Lisboa	-
30	1852.10.27	Carlos Miguel Lustro	27	-	Dir. companhia de cavaleiros	Coimbra	Várias pessoas
31	1852.10.27	Pedro Alcin	38	Espanha	Carpinteiro	Coimbra	-
32	1852.11.02	José Villar	22	Villar, Orense	Vendilhão ambulante	Diferentes partes	Anselmo Durão
33	1853.01.11	Benito Lopes	24	Orense	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	O criado, Jacinto Gonçalves
	1853.03.23	Bento Lopes	24	Orense	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	O criado, Jacinto Gonçalves
	1855.01.20	Bento Lopes	25	C o v a s Espanha	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	O criado, João Alves
	1856.02.19	Bento Lopes	28	Espanha	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	O criado
	1858.05.26	Bento Lopes	30	Espanha	Vendilhão ambulante	Diferentes partes	-
	1858.10.22	Bento Lopes	30	Espanha	Vendilhão ambulante	Diferentes partes	-
34	1853.02.19	Gregório Durão	30	Orense	Vendilhão ambulante	Diferentes partes	O irmão, Anselmo, 13 anos
	1853.05.20	Gregório Durão	30	Santiago da Costa	Vendilhão ambulante	Diferentes partes	O irmão, Anselmo
	1854.06.19	Gregório Durão	30	Santiago da Costa	Vendilhão ambulante	Diferentes partes	O irmão, Anselmo
35	1853.02.19	Juan Passento	36	Orense	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	Um criado menor
36	1853.02.16	João Cadaval	32	Orense	Tendeiro ambulante	Terras e feiras	O criado, Pedro Cadaval
37	1853.02.22	José Vasques	25	Pontevedra	Criado de servir	Lisboa	-
38	1853.07.13	Diogo Vargas	26	Espanha	Capinha	Diferentes partes	A família e um criado
39	1853.09.28	José Formoso	43	Villar de Ordellas	Tendeiro e cordeiro	Diferentes partes	Três filhos
	1854.11.13	José Formoso	44	Villar de Ordellas	Vendilhão ambulante	Diferentes partes	Dois filhos
40	1853.11.30	José Bento da Cunha	36	Espanha	Criado de servir	Valença	-
	1856.11.11	José Bento da Cunha	40	Espanha	Criado de servir	Galiza	-
41	1853.12.05	D. Pondencio Alberti	19	Verinho de Santiago	Perfumante	Diferentes partes	-
42	1853.12.05	Tomaz Volver	61	Valência, Barcelona	Perfumante	Diferentes partes	-

Nº	Data	Nome	Id	Terra de origem	Ocupação	Destino	Acompanhante
43	1854.05.22	Jacinto Gonçalves	27	L u g a r Vidalem	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	Um irmão de 14 anos
	1854.12.22	Jacinto Gonçalves	27	L u g a r Vidalem	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	-
	1855.03.09	Jacinto Gonçalves	27	L u g a r Vidalem	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	O criado, Manuel Arnela
	1856.02.19	Jacinto Gonçalves	28	L u g a r Vidalem	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	-
	1858.05.26	Jacinto Gonçalves	30	L u g a r Vidalem	Vendilhão ambulante	Diferentes partes	O criado
	1858.10.22	Jacinto Gonçalves	28	Espanha	Vendilhão ambulante	Diferentes partes	-
44	1854.05.28	D. José Santiago Branco	32	Madrid	Director de um Panorama óptico	Diferentes partes	A mulher e três filhos
45	1854.06.12	António Requeijo	30	Santiago da Costa	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	-
	1854.07.28	António Requeijo	30	Santiago da Costa	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	-
	1855.07.14	António Requeixo	30	Orense	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	-
46	1854.11.19	José Velasco	30	Espanha, resid. Aveiro	Criado de servir	Porto	-
	1854.10.10	José Velasco	30	Espanha, resid. Aveiro	Criado de servir	Coimbra	-
47	1854.07.14	José Blaz	30	Espanha	Servente	Espanha	-
	1854.10.10	José Blaz	30	Espanha	Artista ambulante	Braga	-
48	1854.12.14	José Alvarez	30	Província de Orense	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	O filho, Pedro
49	1855.07.14	João Cartamil	32	Espanha	Criado de servir	Lisboa	-
50	1855.09.11	Valentim Rama	31	Galiza, resid. Lisboa	-	Lisboa	A mulher e um criado
51	1855.10.09	Filipe Alonso	25	Nascido em Lisboa	Trabalhador	Galiza	-
52	1855.10.10	Manuel Alves	17	Espanha	-	Diferentes partes	-
53	1855.11.03	António Salgan	30	Espanha	Criado de servir	Diferentes partes	-
54	1853.06.04	José Gonçalves	29	Orense	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	-
	1856.02.13	José Gonçalves	34	Orense	Tendeiro	Diferentes partes	O criado, Tomás
	1857.05.27	José Gonçalves	35	Espanha	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	-
55	1856.03.04	Bartolo Pomar	34	Santiago da Costa	316	?	Um criado menor
56	1856.10.21	Jacob Esteves	61	Espanha, natur. Port.	Cocheiro	Lisboa	Uma parelha de cavalos
57	1856.12.01	Francisco Peres	35	S ^{ra} M ^{re} Coiro, Santiago	Mordomo Clube Aveirense	Galiza	-
58	1857.04.20	Anselmo Gonçalves	22	Galiza	Trabalhador	Galiza	-
59	1857.06.05	António Parente Formoso	22	Orense	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	Romião Parente
60	1858.02.18	Vicente Gassô Preto	43	Valença	Florista	Diferentes partes	-
61	1858.04.03	Caetano Uthane	30	Espanha	Vended. de perfumes e estampas	Diferentes partes	-

Nº	Data	Nome	Id	Terra de origem	Ocupação	Destino	Acompanhante
62	1858.08.03	António Fernandes	21	Espanha, resid. Évora	Contratador de cavalgadas	Braga	-
	1860.05.09	António Fernandes	21	Espanha, resid. Évora	Contratador de cavalgadas	Évora?	-
63	1858.12.14	Maria Peres Mosturim	-	Leão, Espanha	-	-	Uma criada
64	1859.02.22	Pedro da Silva Carvalho	31	Loranhe, Espanha	Vendilhão	Diferentes partes	O criado João Alves Segade
65	1859.03.14	João de Sá Não	-	Espanha	Director de um Cosmorama	Diferentes partes	A mulher, o filho e um criado
66	1859.03.31	Modesto Soares Largaría	-	Oviedo, Astúrias	Capitão, emigrado político	-	-
67	1859.05.03	D. João Munné	27	Granada, Espanha	Artista cantante	Diferentes partes	A irmã, D. Camila Munné
	1860.03.29	D. João Munné	27	Espanha	-	Porto	A mulher, três filhos e criada
68	1860.03.29	D. Manuel Assenço	40	??? 1510, 14 v.	Prestidigitador	Diferentes partes	A mulher e cinco filhos
69	1859.09.14	João Resende Gonçalves	45	S. Vicente Carpozones	-	Lisboa	O filho, Marcelino
70	1860.03.15	António Lousada	44	Espanh, resid. Caldas	Cauteleiro	Diferentes partes	-
71	1860.04.03	José de Lanicer	24	Espanha	Transita com cosmorama	Porto e outras	-
72	1860.10.05	José dos Reis	43	Espanha	Servente	Lisboa	-
73	1861.06.30	André Villar	46	Galiza, resid. Aveiro	Lavrador	Santiago da Galiza	-
74	1861.07.05	António Garcia	23	Santiago, Galiza	Servente	Lisboa	-
75	1862.06.12	Domingos Moinhos	29	S. ^{to} André de Anseu	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	-
	1862.07.12	Domingos Moinhos	29	Galiza	Tendeiro ambulante	Diferentes partes	-
76	1862.07.15	Francisco Corcini	69	Biscaia	Tintureiro	Diferentes partes	-

Fontes: AMA, *Administração do Concelho. Livro dos Registos dos Passaportes*, livs. 1499 a 1510.

ANEXO II. Outros estrangeiros que passaram ou se fixaram em Aveiro, 1835-1862

Nº	Data	Nome	Id.	Origem	Ocupação	Destino	Acompanhante
1	1836.10.28	Gaspar Armentra	23	Nápoles	-	Qualquer parte	-
2	1837.02.13	Desiré Lay	35	França	Negociante	Coimbra	-
3	1837.02.27	Gideon Lauvley	32	Inglaterra	Negociante	Lisboa	-
4	1837.05.07	Luis Velho	22	Nápoles	Caldeireiro	Diferentes partes	Dois aprendizes do seu ofício
5	1837.05.08	Pedro António Hielpe	32	Nápoles	Caldeireiro	Para a fronteira	O caldeireiro Zacarias Conde
6	1837.10.10	Daniel Donovan	18	Inglaterra	Marinheiro de escuna naufragada ¹	Porto	-
7	1837.10.10	William Chara Lox	23	Inglaterra	Piloto de escuna naufragada	Porto	-

Nº	Data	Nome	Id.	Origem	Ocupação	Destino	Acompanhante
8	1837.10.19	William Wade	38	Inglaterra	Capitão de uma escuna naufragada	Porto	-
9	1837.10.19	Lourence Fourk	42	Inglaterra	Vice-cônsul britânico em Aveiro	Porto	-
	1838.04.26	Lourence Fourk	42	Inglaterra	Vice-cônsul britânico em Aveiro	Porto	Um criado
	1838.07.19	Lourence Fourk	42	Inglaterra	Vice-cônsul britânico em Aveiro	Porto	Um criado
	1838.07.19	Lourence Fourk	42	Inglaterra	Vice-cônsul britânico em Aveiro	Porto	Um criado
	1839.09.25	Lourence Fourk	42	Inglaterra	Vice-cônsul britânico em Aveiro	Porto	Um criado
	1840.01.21	Lourence Fourk	43	Inglaterra	Vice-cônsul britânico em Aveiro	Porto	Um criado
10	1839.09.29	João Baptista Manoens	42	Itália	-	Diferentes partes	Um criado
11	1841.04.05	Santos Truco	19	Génova	Vendedor de drogas	Diferentes terras	O criado Manuel Cunha
12	1841.04.05	Tiago Truco	54	Itália	Confeiteiro	Diferentes terras	Quatro filhos
13	1842.03.09	Bartolomeu Arribas	37	França	Castrador, residente na Palhaça	Diferentes terras	-
14	1842.04.06	Giacomo Truco	55	Itália	Confeiteiro	Diferentes partes	Um filho e duas filhas
	1852.09.25	Giacomo Truco	64	Itália	-	Diferentes partes	Um filho, filha e criado
	1853.04.23	Giacomo Truco	64	Itália	Vendilhão	Diferentes partes	Dois filhos e um criado
15	1842.07.20	Lourenço Ruspini	22	Milão	Comerciante	Diferentes partes	O primo Paulo Salla
	1847.09.15	Lourenço Ruspini	28	Itália	Comerciante, residente em Viana	Diferentes partes	Seu tio
	1850.04.02	Lourenço Ruspini	30	Itália	Negociante de estampas, resid. Porto	Diferentes partes	-
16	1843.04.06	Carlos Salla	48	Milão	Negociante	Diferentes partes	-
17	1846.09.22	Guilherme Parian	64	França	-	Porto	A mulher
18	1847.06.04	Julia Clara Bataille	33	França	-	Ovar e outras terras	Criado J. Jacob Dias Sousa
19	1847.05.??	José Kelly	22	Inglaterra ²	Praticante de comércio	Oliveira de Azeméis	-
20	1848.04.14	William March Júnior	25	EUA	Marujo	Lisboa	-
21	1849.05.25	Guiliano Paproni	16	Toscânia	Figurista	Diferentes partes	-
	1850.08.05	Juliano Paproni	17	Toscânia	Figurista	Diferentes partes	-
22	1849.05.25	Dionisio Calea	22	Toscânia	Figurista	Diferentes partes	-
23	1849.06.14	Dedrich Matias Fewerd	57	Hamburgo	Empresário da mina de chumbo	Lisboa	-
24	1849.07.07	Carmine Vario	19	Sardenha	Caixeiro	Diferentes terras	-
25	1849.09.28	Jacques Dupuis	28	França	Vendedor de estampas	Braga	-
26	1849.12.15	Mário Piocelli	27	Itália	Vendedor de estampas	Diferentes terras	-

A DISCRETA PRESENÇA DOS GALEGOS EM AVEIRO

Nº	Data	Nome	Id.	Origem	Ocupação	Destino	Acompanhante
27	1851.06.06	Firmino Bonnemison	35	França	Negociante	Figueira e outras	Sua mulher
28	1851.08.19	João Agasse	29	França	Vendedor de estampas	Braga e outras	Passaporte de Lisboa
	1857.03.31	João Agasse	32	França	Vendedor de quinilharia	Diferentes partes	-
29	1852.11.04	Luís Seguinó	21	França	Artista de equitação	Porto e outras	-
30	1852.12.11	José Miráglia	28	Nápoles	Músico ambulante	Golegã	Três irmãos
31	1853.02.11	M. ^r Jacques Robin	-	França	Secretário do Consulado Francês	Aveiro	-
32	1853.02.24	Arnaud Bertans	24	França	Dir. de companhia de cavalos?	Diferentes partes	Vários membros da família
33	1853.02.21	José	39	França	Náufrago	Porto	João M. Leve e outro
34	1853.08.05	Inácio Barcelote	46	Italiano	Figurista de gesso	Diferentes partes	-
35	1853.08.05	Posiano Pieri	23	Toscânia	Figurista de gesso	Diferentes partes	Passaporte de Caminha
36	1853.08.10	João Oliveira Camarinha	26	Brasil	Negociante	Alentejo	-
37	1853.09.13	Dr. Joaquim F. Melício	58	Brasil	-	Lisboa	Dois filhos e outras pessoas
38	1855.04.03	Julião Lacave	31	Francês	Vendilhão	Diferentes partes	-
39	1855.	Pascoal Libi	30	Itália	Tocador de realejo	Diferentes partes	Pedro Galigana, de Parma
40	1856.04.01	Eugénio Briard	40	França	Dentista	Porto	-
41	1856.04.01	Benigno Cereghetti	26	Suíça	Vendedor de estampas	Porto	-
42	1856.06.13	Aprigio Paulino Macedo	40	Brasil	Proprietário	Porto	-
43	1857.03.29	Jacques Costey	33	França	Negociante ambulante	Lamego	-
44	1857.04.01	Pietro Cazagetti	38	Itália	Vendedor de quinilharia e armas	Diferentes partes	-
45	1857.05.09	João Perry	49	França	Prof. de Francês e Inglês em Aveiro	Lisboa	-
46	1857.05.16	António Erman	24	Alemanha	Músico	Diferentes partes	-
47	1857.07.12	Elias Bernardo	21	França	Perfumista	Porto	-
48	1857.07.13	Agelo Cometo	21	Suíça	Perfumista	Porto	-
49	1857.07.13	Pedro Renard	22	França	Perfumista	Porto	-
50	1857.08.01	Weel Isidoro	45	França	Caixeiro de comércio	-	-
51	1858.03.	Janário Mariano	20	Nápoles	Tocador de harpa	Coimbra	Leonardo de Cétera, 13 anos
52	1858.11.22	Agneli Gonáze	22	Nápoles	Tendeiro ambulante	-	-
53	1858.12.14	Janário Mariano	19	Nápoles	Tocador de harpa	Coimbra	-
54	1858.12.14	Vicente Trudo	19	Nápoles	Músico ambulante	-	-
55	1858.12.14	Francisco Seltavo	21	Nápoles	Tocador de harpa	Diferentes partes	Irmão Bernardo

Nº	Data	Nome	Id.	Origem	Ocupação	Destino	Acompanhante
56	1859.08.16	Guido Baptista Lipe	-	Toscânia	Figurista	Diferentes partes	-
57	1860.03.31	D. Carlos Baló	22	França	-	Diferentes partes	Mulher e sobrinha
58	1860.04.03	Elias Benade	22	França	Vendedor de estampas	Diferentes partes	-
59	1860.04.15	Pedro Cereghetti	40	Suíça	Vendedor de estampas	Diferentes partes	-
60	1860.05.16	Bartolomeu Carpinini	32	Perusia	Músico ambulante	Porto	-
61	1860.05.16	Tiago Feei	29	Toscânia	Músico ambulante	Porto	-
62	1860.05.21	Marco Pozoilo Lacado	33	Piemonte	Vendedor de estampas	Diferentes partes	-
63	1860.05.21	José da Rosa	24	Nápoles	Negociante	Diferentes partes	-
64	1861.08.07	José Gambaian	54	Itália	Emigrado italiano	Lisboa	-
65	1862.01.18	Bernardo Sadrá	18	Nápoles	Tocador de harpa	Diferentes partes	-
66	1862.01.18	José Rolobori	24	Parma	Músico ambulante	Diferentes partes	-
67	1862.04.02	António João Baptista	33	Parma	Perfumista	Diferentes partes	-

¹ Iam a bordo da escuna “Cephalonia”. ² “Súbdito britânico, natural de Lisboa”. Fontes: AMA, *Administração do Concelho. Livro dos Registos dos Passaportes*, livs. 1499-1510.